

Um Canto para Pirapora

Antonio Amadi

Dedicado à Pirapora do Bom Jesus, à Ordem Premonstratense, aos saudosos Cônegos, mestres, e aos colegas seminaristas.

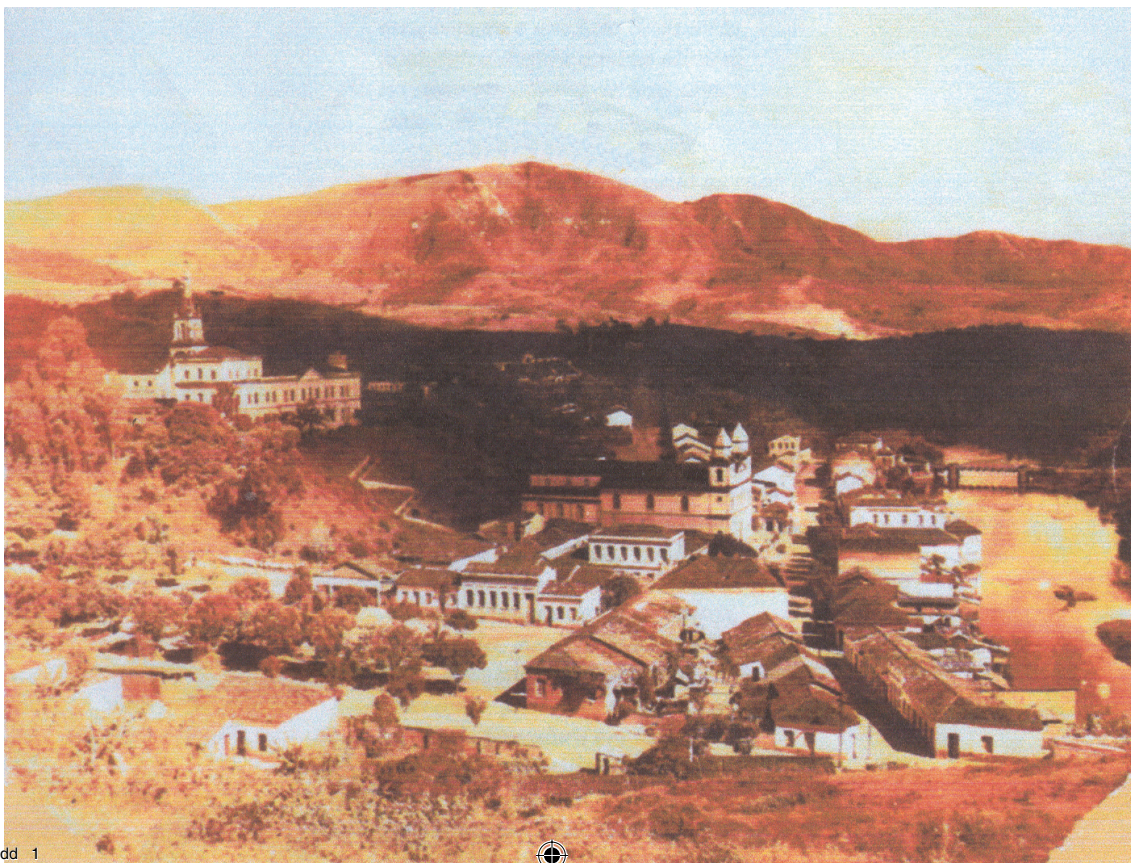
Das grimpas verdejantes de um outeiro,
onde ainda vigia sobranceiro
meu vetusto e saudoso Seminário,
nostálgica desfila a meus olhares,
na serena modorra de seus ares,
uma vila ladeando o Santuário.

De casas simples margeando as ruas,
Caiadas, brancas, de paredes nuas,
qual velha foto de postal de outrora,
traz-me de volta, quando peregrino,
dos meus tempos longínquos de menino,
minha humilde e singela Pirapora.

Na tranquila quietude de sua serra,
emoldurando a concha que a encerra
nas bandeirantes margens do Anhembi,
ostenta ao longe o colosso Ivoituruna¹,
que, mesmo sem aurífera fortuna,
afronta os contrafortes do Japi.

Ali, na pequenez de meus retiros,
no consolo, meu Deus, de parcios giros
para, em sorvos, beber da santa fonte,
inda ouço, passeando na memória,
o som de ferradura em trajetória
sobre o chão secular da velha ponte².

Como matraca nas Semanas Santas
dizia às romarias — e eram tantas!



que, a poucos passos, em vigília, atento, estava o “Ecce Homo” para o abraço, para acolher enfim no seu regaço quem nele busca um divinal alento.

Pobre ponte desfeita tristemente, de sua vida deixando tão somente velha foto de imagem esvaecida... Sem registro sequer, num escaninho, entre coisas quaisquer em desalinho, jaz na história de todos esquecida.

Corrói-me um atavismo persistente, prendendo-me bem-vindo docemente, a serras de selváticos arcanos, de vales boscarejos, fundas grotas, de arroios a buscar águas mais remotas de cérelos distantes oceanos.

Em minha mente fértil de criança, fantásticas figuras na lembrança a imensidão varriam das serranias, com o estrugir horrendo dos jaguares, o ronco de bugios fendendo os ares, em fuga das bugrinhas tropelias...

Sob floridos ipês e manacás, a ouvir nhambus, sem-fins e sabiás, o barulho da chuva, os vendavais, vi mergulhos de tapir, ouvi pocemas, no salto³ me fartei nas piracemas com onças a espreitar nos matagais.

Vi Bandeiras⁴ de muita e pouca fama alargando os confins de Pindorama⁵, cidades semeando entre o gentio... Qual num filme perpassa reticente cada cena mostrando de repente da antiga Pirapora junto ao rio.

Sou partícipe fiel de sua memória desde Afonso Sardinha⁶ em sua história, um mestiço rompendo a vasta serra... Faisquei no Ivoturuna inutilmente, em meio à selva horrída, inclemente, entre tribos rivais em pé de guerra.

Afundi-me, integrando uma bandeira, em busca da tribal nação bilreira do escopo primordial de Dias Carneiro⁷...

¹ Montanha que fecha o horizonte sul de Pirapora onde, na metade do século XVI, Afonso Sardinha, o Moço, tentou a exploração de ouro.

² Construída às expensas do Santuário em 1881 pelo engenheiro Alexandre Ferguson, foi demolida e substituída por outra de concreto em 1992. Seu material foi todo importado da Inglaterra.

³ Era o conhecido e hoje inexistente saltinho que deu o nome à Pirapora. Em tupi-guarani, Pirapora significa “onde o peixe pula”.

⁴ As bandeiras, sobretudo as parnaibanas, passavam por Pirapora rumo a Porto Feliz, a partir do ponto em que o Tietê é navegável.

⁵ Nome poético do Brasil.

⁶ Era um mameluco morador da extinta Santo André da Borda do Campo, o primeiro a tentar a exploração de ouro no Ivoturuna.

⁷ Era irmão de Suzana Dias, fundadora de Santana do Parnaíba. Em 1607, chefiando uma das primeiras bandeiras paulistas, embrenhou-se

Qual a saga fatal do capitão, também deixei com ele no sertão meu sonho de conquista derradeiro.

Em rústica piroga um dia desci com Anchieta⁸ as águas do Anhembí e, com ele, naufraguei na catarata... Com Entradas segui para as Gerais, para Goiás, Cuiabá e alvos mais, enfrentando sem-fim a impérvia mata.

Junto a Álvaro do Valle⁹ tive assento para ver entregar em testamento o que a Jacome Nunes¹⁰ pertencia... Primevo morador deste sertão, vivia a rotineira solidão na esperança da própria sesmaria.

Terrifiquei o silvícola goiano ao lado do Anhanguera¹¹ parnaibano com o incêndio das águas de seus rios... Segui os passos dos Leme¹² e do tenaz perseguidor¹³ reinol e ladravaz no cruel extermínio de seus brios.

Depois das chuvas torrenciais de estilo vi a emoção do Naves¹⁴, junto ao rio, a imagem recolher do Bom Jesus... Vi os milagres sem-par, as romarias, as festas de agosto em noites frias, suportando arranchado a minha cruz.

Do Largo São Francisco de acadêmicos¹⁵, em seus encontros anuais sistêmicos, fui constante nas festas companheiro... Com Saint-Hilaire¹⁶ estive, com os Andrada¹⁷,

no sertão em busca dos fantásticos índios bilreiros e suas minas de ouro. Faleceu em 1608, no sertão, sem conseguir seus objetivos.

⁸ O jesuíta, portador do perdão por assassinato a Domingos Luiz Grou, naufragou no salto de Ararituaba (Porto Feliz), tendo sido salvo pelo índio Araguaçu. Domingos Luiz Grou era um dos ancestrais de Mateus Luiz Grou que, com Jacome Nunes e Manoel Alvarenga, recebeu sesmaria na região de Pirapora.

⁹ Capitão-mor, ouvidor e lugar-tenente de D. Álvaro Pires de Castro, Conde de Monsanto, na elevação de Parnaíba a vila em, 14 de novembro de 1625.

¹⁰ Foi bandeirante e o primeiro morador oficialmente reconhecido de Pirapora.

¹¹ Trata-se de Bartolomeu Bueno da Silva, apelidado de Anhanguera pelos índios goiás. Sua casa em Parnaíba é preservada.

¹² Os valentões irmãos Leme, régulos criminosos pela história e pelo romance de Paulo Setúbal, eram de Itu, cujos termos então pertenciam a Santana de Parnaíba. Enriqueceram criminosamente nas minas de Cuiabá nos inícios do século XVIII. Foram cruelmente perseguidos e, por fim, mortos.

¹³ Era o português Sebastião Fernandes do Rego, agraciado sempre pelo governador Rodrigo César de Menezes. Era macio, serviçal, lisonjeiro até a adulação servil, inteligente e velhaco, perverso até o crime. Logrou, inclusive, a Coroa Portuguesa, enviando-lhe chumbo em vez de ouro. Foi o maior e mais famoso ladrão que viveu em São Paulo.

¹⁴ José de Alemida Naves, proprietário, por herança, das terras de Pirapora, achou em 1723, nas margens do Tietê, a imagem do Senhor Bom Jesus.

¹⁵ Os acadêmicos de direito do Largo São Francisco frequentavam as festas do Bom Jesus.

¹⁶ Sua comitiva passou por Pirapora na viagem pela província paulista.

com Florence¹⁸ deixando retratada
a pequenina vila por primeiro.

Vi os cônegos¹⁹ da leva pioneira,
a paróquia surgindo sobranceira
e o nascer promissor do Seminário...
De todos seus levitas fui coevo,
de irmãos, mestres e tantos a quem devo
de fé e cultura enfim o meu fadário.

Assisti à instalação²⁰ do Município,
aos muitos desafios de seu princípio,
os desejos de arrojos nacionais...
Vivi do Seminário o apogeu
e o vi transfigurar-se num museu²¹
na solidão da história e nada mais...

Saudosa Pirapora do romeiro
e de barcos²² singrando o tempo inteiro
plácido lago²³ sob um terço céu!...
Restou-lhe a teimosia do peregrino
e de um povo, sujeitos ao destino
de um rio que ali, morrendo, corre ao léu...

O filme terminou e vou embora...
mas em minha alma eu levo Pirapora
e dela contumaz serei romeiro...
No Seminário deixo o coração,
uma furtiva lágrima e a emoção
talvez de um adeus nunca derradeiro.

Lá, da encosta do morro, no Cruzeiro²⁴,
de meus passos vigil e companheiro,
que o Bom Jesus me siga vida afora...
E, abrigando-me nas horas de cansaça,
vem comigo, ó Senhora Medianeira²⁵,
ó Virgem celestial de Pirapora!

¹⁷ Os irmãos Andrada — José Bonifácio e Martim Francisco — estudaram as jazidas minerárias de Parnaíba e de seus ribeirões, nos inícios do século XIX.

¹⁸ Hércules Florence, integrando a comitiva de um barão russo, passou por Pirapora e dela deixou desenhos.

¹⁹ Vicente van Tongel e Rafael Goris, premonstratenses belgas da Abadia de Averbode em 1896. Van Tongel foi o primeiro vigário de Pirapora, fundador do Seminário e seu primeiro reitor.

²⁰ 1º de janeiro de 1960.

²¹ Com o fim do Seminário em 1973, o prédio passou a funcionar como museu, residência dos vigários de Pirapora e como local de realização de movimentos religiosos.

²² Até meados de 1970 havia barcos para o passeio dos romeiros pelo Tietê. A poluição do rio obrigou a sua desativação.

²³ Em frente ao núcleo velho de Pirapora, o Tietê formava um imenso lago, que foi aterrado em fins do século XX. Preservou-se apenas o leito primordial do rio.

²⁴ Conhecida como Cruz do Século, foi inaugurado em 1º de janeiro de 1901. Encontra-se no morro traseiro do Seminário.

²⁵ É a padroeira da Capela do Seminário.

Barra do Sahy

Paulo Bomfim

Não tenho coragem de voltar à Barra do Sahy. Ignoro se a casa de Clóvis Graciano resiste às ondas que galgam escadas, apagando passos.

A praia sem Graciano torna-se um quadro em que as cores vão morrendo e as figuras saem à procura de outros gestos.

Hoje as balsas e a tábua das marés estão sendo postas de lado, e chegar ao litoral norte deixa de ser aventura para se tornar romaria de penitência em modernas rodovias.

O lampião petromax e a geladeira movida a querosene fazem parte de um folclore que desaparece nas dobras do tempo.

Lembro-me da primeira vez em que lá desembarcamos da perua onde Graciano carregava telas, livros, conservas, uísques e amigos.

Em frente da casa ajoelhada na areia, a ilha saudava-me com olhos verdes e riso de coral.

Foi amor à primeira vista. Olhei e disse em silêncio:

— Esta criatura será minha!

No dia seguinte, levantei-me cedo. Todos dormiam. Apenas Rebolo Gonzales ajeitava seu cavalete na varanda.

Indago a um caçara a distância que separava minha descoberta da praia, bem como o problema da correnteza.

Atiro-me ao mar e, passando a arrebentação, eu e meus cinquenta anos nadamos calmamente em direção à amada.

Quando Emy acordou, procurou por mim e, não me encontrando, é informada por Rebolo que aquele ponto no mar alto era seu marido.

— Fique calma — diz o pintor — o poeta chegará a seu destino.

Minha mulher não se contém. Desce até a praia e pede a um pescador que a leve até o nadador. Para subir no barco foi necessário que embarcasse na margem do rio ao lado.

Quando ela fica nervosa é atacada por um artrismo que vai paralisando as juntas.

Já estava chegando à ilha quando principiei a ouvir o barulho de um motor que fazia dueto com seus gritos.

Voltei no barco e, ao descer na areia, Clóvis e Rebolo aplaudiam a loucura do amigo.

Almeida Salles chegou a propor na mesa do Bar do Museu que a ilha deveria se chamar “Ilha do Poeta”.

Acredito que foi nesse local que Hans Staden, quando prisioneiro dos índios, parou no meio do caminho entre Bertioiga e Ubatuba.

Na Barra do Sahy deixei, certa manhã, o papagaio, o bacamarte e o guarda-sol num lugar onde sexta-feira tornou-se o dia da semana em que Robinson Crusoe se apaixonou por uma ilha.

Antonio Amadi
Escritor

Paulo Bomfim
Príncipe dos Poetas

O Médico Facínora

Fábio Leite Vichi

Ele era um famoso oftalmologista. Graduado pela Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, foi convidado e aceitou assumir o Departamento de Oftalmologia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto no dia 29 de abril de 1959. Na novel função, gradativamente, modificou os padrões de ensino e do atendimento à comunidade.

Era alegre, esportista, bem informado e tinha como um de seus lazeres a apreciação de obras de arte. Lentamente, tornou-se um sadio exemplo para a comunidade universitária da cidade. Era querido pelos estudantes e também pelos residentes.

Um dia, alegrou-se ao saber que um trabalho científico seu tinha sido aceito para ser apresentado em um Congresso Mundial de Oftalmologia, marcado para acontecer na Alemanha. Antes de chegar ao país germânico, passou pela Itália. De Veneza tomou o trem para Munique. Ao visar o passaporte, tomou conhecimento de que seus conhecimentos em alemão eram parcos. Por sua ignorância linguística, atrasou a saída do trem.

Foi o início das confusões que então se seguiram. No congresso, a apresentação em tedesco não correu bem, obrigando-o a mudar para o inglês, idioma em que se expressava com dificuldade. Poucos o entenderam. Ninguém nada lhe perguntou. Sua participação só não seria desconhecida se apanhasse o certificado ao qual todos os participantes tinham direito.

Decepcionado, voltou para o Brasil. O avião aterrisou em São Paulo. Despachou a bagagem para Ribeirão Preto e vagou pelo aeroporto. Estava meio sonolento e ao ouvir a chamada, que supôs ser a sua para tomar o avião, assim o fez. Tomou o avião errado e em pouco tempo estava no Rio de Janeiro. Mesmo com a grande irritação pela qual foi tomado, e depois de ouvir as de-

nada valiosas desculpas dos funcionários, encetou a etapa, agora definitiva, para o local em que morava.

Em casa foi recebido como um herói. Aos familiares exaltou a sua participação, escondendo os percalços. Pela manhã dirigiu-se ao seu local de trabalho. Tomou assento em sua confortável sala de chefe, ornada de cartazes alusivos ao aparelho visual. Deixou em sua cadeira o seu avental e em trajés civis dirigiu-se ao corpo do Hospital das Clínicas, para relatar suas façanhas ao diretor do nosocômio.

A instituição trocara os porteiros, agora instruídos a barrarem desconhecidos. O chefe do setor de Oftalmologia era uma pessoa ignota por eles. Foi impedido de adentrar o nosocômio por um deles, que disse:

— Quem é o senhor? Nunca o vi por aqui! Aqui o senhor não entra!

— Sou um facínora, respondeu o professor muito irado.

— Sabe que eu apenas terminei o grupo. Não sei o que faz uma pessoa como esta. Mas tenho ordens de deixar entrar apenas quem conheço. Caso insista, eu chamo a polícia.

O oftalmologista desistiu e retornou. Certamente, essa fase de sua vida não era boa. Ficaria para outra oportunidade a conversa com o diretor do hospital e seus relatos sobre as novidades a respeito de retinografias ou implantes de córneas, quando o porteiro soubesse o significado de facínora.

Fábio Leite Vichi

Docente Aposentado da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo

Anapana

Guido Arturo Palomba



Família Pássaros, acrílica sobre tela, 95 x 1,60 cm, 2009

Anna Maria Martins Ferreira, *Anapana*, foi agraciada com o Prêmio Aquisição da Associação Paulista de Medicina (APM) por ter vencido, com o trabalho ao lado, o concurso *Dez Mulheres de Arte*, cuja exposição foi de 27 de maio a 31 de julho deste ano, na Pinacoteca da APM.

A mostra contou com sessenta e dois trabalhos de dez importantes artistas plásticas brasileiras e estrangeiras. Votaram membros do júri, previamente convidados (15 votos), e o público presente no dia do *vernissage* (143 votos). Parabéns à vencedora, em nome de todos os membros do Departamento Cultural da APM.

Guido Arturo Palomba

Curador da Pinacoteca da APM

A Sagração do Beato Nuno de Santa Maria, como santo, com o nome de Santo Nuno

Mario de Mello Faro

No dia 26 de abril de 2009, ocorreu em Roma a sagração como santo do Beato Nuno de Santa Maria, com o nome de Santo Nuno, pelo Papa Bento XVI.

Os antecedentes tiveram o seguinte cronograma:

1 — D. Nuno Alvares Pereira, Condestável do Reino, acompanha D. João na conquista e preservação das terras portuguesas e o conduz à posição de Rei.

2 — A filha de D. Nuno, Beatriz, casa-se com D. Afonso, filho bastardo reconhecido de D. João I, em Lisboa, aos 8 de novembro de 1401.



3 — Após a estabilização do reino, retira-se da vida civil e passa a viver no Mosteiro do Carmo, que havia ajudado a construir com recursos próprios.

Distribui a sua riqueza entre os netos e entre as pessoas que o ajudaram nas suas conquistas.

4 — Levswa vida de penitência e orações, direcionadas à Virgem Maria.

5 — Com a sua morte, em 1º de abril de 1431, aos 71 anos de idade, é elevado à posição de beato, com o nome de beato Nuno de Santa Maria, pelo Papa Bento XV.

Seus restos mortais achavam-se sepultados, desde 1836, na Igreja de São Vicente de Fora, em Lisboa, e, posteriormente, são transladados para o Panteão Nacional, com os heróis da pátria.

6 — A morte de D. Afonso, seu neto, sem descendência, torna herdeiro da casa e dos títulos o segundo filho, D. Fernando, nascido em Chaves, em 1403.

7 — D. Fernando casa-se com D. Joana de Castro e têm como filhos:

— D. Fernando — 3º Duque de Bragança;

— D. Afonso — Conde de Faro, após receber o condado de Faro, no Algarve, passa a usar o apelido Faro, gerando uma enorme descendência em Portugal e no Brasil.

“D. Nuno Alvares Pereira foi um defensor do povo em vida e providência dos desesperados após sua morte”.

Mario de Mello Faro
Pneumologista

Os Cavaleiros Templários

M. I. Rollemberg

Parte 2 — *Surge a Ordem*

O mundo ocidental vivia uma época de profunda mutação em que reinava a violência, agravada pelo desenvolvimento de uma categoria social nova, a cavalaria. À Igreja incumbe conter a violência e reconduzir o cavaleiro, causador de distúrbios, raptor de donzelas e ladrão de bens da Igreja, para o lugar que lhe corresponde na obra de Deus. Essa violência não conhece limites devido ao declínio do poder real dos primeiros Capetos na França e, para tanto, a Igreja introduz o conceito da remissão

dos pecados como peregrinação penitencial para reconduzir o cavaleiro na boa direção, uma das ideias da Cruzada. Como consequência, foi tomando corpo a ideia de organizar uma entidade com caráter disciplinado, sob controle da Igreja. Daí o aparecimento das ordens militares.

Entre os cavaleiros que conquistaram Jerusalém encontravam-se vários nobres da região de Troyes, cidade a leste de Paris, com vínculos ao feudo do Conde de Champagne, cuja região herdou esse nome, tornando-a famosa por produzir o vinho

espumante mais famoso do planeta. São listados nove cavaleiros que lutaram sob as ordens do nobre e cavaleiro Godofredo de Bouillon. Criado o Reino de Jerusalém, este foi aclamado rei. No entanto, recusou peremptoriamente, com o argumento de que não receberia uma coroa de ouro na cidade em que Cristo foi crucificado com uma coroa de espinhos. Foi então escolhido seu primo — Balduíno I. Entre aqueles nobres, um deles teve papel de destaque: Hugo de Payens, mais conhecido como *Hues de Paiens delez Troies*. Segundo alguns historiadores, regressou à Europa no ano 1100, tendo retornado ao Oriente em 1114 com o Conde de Champagne. Casou-se com Catherine Saint Clair, de família nobre e rica proprietária de terras na Escócia, as quais herdou por herança matrimonial, tendo tomado posse e conhecimento em viagens a essa região. Esse fato irá ter importância fundamental no futuro.



Troyes — vista da cidade antiga, com suas construções típicas

Esses territórios no Oriente viviam um período de grande instabilidade e insegurança, daí começar a tomar corpo a ideia de uma *militia Christi*, com a missão de proteger os peregrinos que rumavam aos lugares santos. Era uma instituição original, por reunir dupla função de monge e guerreiro, uma Ordem que “conciliava o inconciliável”. De acordo com P. Vial, “irá encarnar de forma permanente e não episódica, como acontecia com os cruzados, a ideologia da cruzada”.

De início, surgiu uma dúvida quanto ao “pai” da iniciativa para fundação dessa Ordem. Teria sido Hugo de Payens ou o rei Balduíno I? Segundo Jacques Vitry, a iniciativa partiu dos próprios cavaleiros.

Na Terra Santa já existia uma instituição para auxiliar os peregrinos: os Hospitaleiros, dos quais se sabe pouco quanto às suas origens. Construíram o “Hospício” Amalphi, para receber os peregrinos, sendo a Ordem oficializada em 1113 mediante bula papal que reconhecia a “Ordem do Hospital de S. João de Jerusalém” como Ordem independente. Embora houvessem criado outros “hospícios” (cujo significado, na realidade, era o de uma espécie de “pensão” para receber viajantes-peregrinos,

com características beneficentes, e não o sentido como conhecemos hoje em dia) na Europa e na Terra Santa. Ao lado da ação caritativa, prioritária, estavam atividades militares que visavam proteger os peregrinos, sem, no entanto, possuir a mesma amplitude dos futuros Templários. Foi a necessidade de proteger todos os outros peregrinos que motivou a criação da Ordem Templária.

A ideia de uma Ordem monástica-militar trazia uma situação aparentemente inconciliável, já que o cristianismo primitivo condenava a guerra e a violência. No entanto, Santo Agostinho foi o primeiro a esboçar uma teoria de guerra justa:

“Chamam-se justas as guerras que vinguem as injustiças, quando um povo ou um estado, ao qual há que declarar a guerra, se descuidou no castigo dos crimes dos seus ou na restituição do que foi usurpado por meio dessas injustiças... O soldado que mata o inimigo é como o carrasco que executa um criminoso. Não creio que pequem, já que, ao atuarem assim, obedecem à lei.”

Um outro aspecto que incentivou a criação dessas ordens deveu-se ao comércio desenvolvido pelos reinos de Gênova, Pisa e Veneza. Essas cidades-estado negociavam amplamente com o Oriente, necessitando de um apoio em terra contra bandidos e assaltantes, que garantisse também depósitos seguros para suas mercadorias.

Em Jerusalém, o rei Balduíno forneceu como morada aos membros da nova Ordem, agora chamados “Pobres Cavaleiros da Ordem de Cristo”, as dependências da mesquita Al Aksa, situada no local do antigo templo de Salomão. Por esse motivo, ficaram conhecidos como “Cavaleiros Templários”.



Estandarte dos Templários, chamado “Beauséant”, com os símbolos dos opostos: branco e preto e a cruz vermelha

Apesar da presença do Conde de Champagne, a qual deu grande impulso, prestígio e credibilidade à nova Ordem, somada às outras vantagens, os Templários deram margem a queixas e recriminações. Nesse meio tempo, os cavaleiros fizeram escavações no antigo local do Templo durante nove anos. Havia necessidade urgente de sua legalização oficial diante do Papado. Por isso, em 1126, Hugo de Payens se dirige à Europa, onde procura o ilustre monge Bernard de Clairvaux (São Bernardo), que havia construído um mosteiro com a

ajuda do Conde de Champagne. Ele é convidado a redigir uma regra e constituições para a novel Ordem; assim, como antigo monge de Cister, estabelece as três primícias: lealdade, coragem e amor: “Estamos aqui como guerreiros sob a tenda, procurando conquistar o céu pela guerra, e a existência do homem na terra é idêntica à do soldado”.

Escreveu, em seguida, *De laude novae militae (O louvor à nova milícia)*. A nova regra foi oficializada no Concílio de Troyes em 1128, mediante bula papal expedida pelo Papa Honório II, tornando-se a *Ordem dos Frates Militae Templi*. Disse, após, São Bernardo: “*Vacilo em chamar-lhes monges e em chamar-lhes cavaleiros. E como se poderia designá-los melhor dando-lhe os dois nomes ao mesmo tempo, já que não lhes falta a doçura do monge nem a bravura do cavaleiro?*”.

Os cavaleiros, ao entrarem para a Ordem, prestavam o triplo voto de pobreza, castidade e obediência, além dos outros 72 artigos da “Regra Primitiva”, mais algumas regras de disciplina, refeições em comum, carne três vezes por semana, vestimenta igual para todos, sem luxo e obrigações religiosas diárias.

Sua fé e religiosidade eram de tal natureza que criaram seu lema:

“Non nobis Domine, non nobis, sed nomini Tuo ad gloriam”.

(“Não a nós, Senhor, não a nós, mas a Teu nome seja dada toda glória”.)

A partir desse momento, começou a se inscrever um número cada vez maior de candidatos, fossem nobres, cavaleiros ou pessoas simples. Com eles vinham suas fortunas, já que a partir de seu ingresso abriam mão de seus pertences, destinados à própria Ordem.



Várias vestimentas dos Templários

O contato com os povos do Oriente mostrou suas imensas capacidades em construção de fortificações em lugares estratégicos, o que dava enorme vantagem a seus usuários. Desenvolveram tais capacidades construindo nesses locais fortalezas a que davam o nome de *kraks*, dos quais remanescentes são encontrados até hoje. Além disso, foram amealhando propriedades chamadas comendadorias (com áreas de cerca de 10.000 metros quadrados). Somente na França possuíam

mais de mil, além de castelos, mosteiros, palácios, pontes, estradas e outras. Conta-se que só em Paris possuíam bairros inteiros. Geriam muito bem suas propriedades na Europa, o que permitia sustentar suas atividades no Oriente.

Um dos aspectos mais importantes de suas atividades foi seu aperfeiçoamento no que concerne ao controle financeiro. Desenvolveram o que conhecemos hoje em dia como letras de câmbio. Assim, o peregrino, ao se locomover ao Oriente não precisava trazer o dinheiro em espécie. Levava um documento com a chancela templária que ia sendo descontado em “agências” do Templo nos locais pelos quais se movimentava. Além disso, passaram a guardar os valores das pessoas, que viam uma segurança nessa atitude, já que em posse dos Templários podiam ficar tranquilos. Seriam, portanto, os verdadeiros banqueiros, com a vantagem de possuírem uma estrutura de proteção militar. As viagens realizadas pelas propriedades e estradas templárias, além de seguras, estavam isentas de taxas, o que não acontecia nas propriedades feudais. Para tudo isso, possuíam não só as forças terrestres mas também uma armada poderosa, que, além de suas funções intrínsecas, protegiam outras embarcações comerciais. Em seus transportes marítimos de passageiros não havia nenhum perigo, fato duvidoso entre as navegatórias venezianas e genovesas, uma vez que nestas as pessoas podiam ser vendidas como escravas.

Embora toda sua atividade estivesse concentrada no Mediterrâneo, construíram um porto no Atlântico, no local da futura cidade de La Rochelle, com naves poderosas, as quais tinham capacidade de enfrentar tanto os perigosos mares bravios do golfo de Biscaia quanto o Atlântico desconhecido. Desta cidade foram construídas várias estradas que abarcavam todo o território francês. Nessa época, o padrão monetário era o ouro e o bronze, desconhecendo-se a prata, já que as minas na Alemanha, além de pequenas, ainda não eram exploradas. Subitamente, os Templários introduziram este metal como moeda de troca. De onde teriam vindo tais metais? Teriam estado nessas bandas?



Antigo porto de La Rochelle



Insignia templária

Em resumo, é possível distinguir-se três objetivos da missão templária:

I — *Reencontrar o Santo Graal e/ou Arca da Aliança, como representação de algo que estava perdido: o símbolo da eterna procura da Verdade, Sabedoria, Conhecimento e Perfeição do Homem.*

Segundo Otto Rahn, o “Graal” era um vocábulo que designava tábuas de pedra ou madeira, gravados em escrita antiquíssima. De acordo com pesquisadores, constituiria o Tesouro do Rei Salomão, trazido à Europa pelos romanos, depois saqueado por Alarico, rei dos visigodos, em 410 d.C. e escondido na cidade de Carcassonne, no sudoeste da França.

De acordo com outros experts, “Santo Graal” envolveria energias sutis inerentes a lugares mágicos, simbolizados numa taça ou pedra.

II — *Objetivo social: organizar uma nova sociedade, na qual todos fossem iguais, trabalhando com segurança, vivendo em paz e prosperidade.*

(Esse objetivo colocava em grave perigo os dois poderes que governavam em oposição, dentro do maior absolutismo: a Monarquia e o Papado.)

III — *Construção de templos:*

Entre 1146 e 1272, somente na França foram construídas 25 catedrais góticas de grande porte, devido a várias comunidades de construtores em ação, sob a orientação templária. De outra parte, permite-se indagar: quem teria tais condições, senão os Templários, já que os nobres e a própria Igreja encontravam-se empobrecidos pelos gastos e fracassos das Cruzadas, além das terríveis epidemias de peste negra que dizimavam grande parte da população europeia, a qual vivia um dos piores tempos da história?

Quem teria condições para gastar essas enormes fortunas? Somente os Templários.

Ressalte-se que a Europa, na Idade Média, assentava-se sobre três pilares fundamentais:

- *a religião judaico-cristã, preconizada pela Igreja de Roma;*
- *economia monetária e comercial baseada na permissão de cobrar juros, que já existia desde os tempos do Antigo Testamento;*
- *o princípio do poder absoluto centrado em uma só pessoa.*

Desejando criar uma comunidade de fé semelhante à dos primeiros cristãos, com uma inversão completa do sistema econômico e monetário, que incluiria a proibição de cobrar juros sobre empréstimos e, ao mesmo tempo, levaria à destituição das monarquias absolutas e à edificação de uma nova ordem aristocrata-republicana, compreende-se as razões pelas quais as forças reinantes se uniriam e procederiam paulatinamente à futura aniquilação da Ordem dos Templários.

Referências

- AMARANTE, Eduardo. *Templários: de milícia cristã à sociedade secreta*. Sintra: Zéfiro, 2007.
- CELAYA, Fernando D. *Os templários*. São Paulo: Angra, 2001.
- READ, Piers Paul. *Os templários*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

M. I. Rollemberg
Médico Cirurgião

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Ivan de Melo Araújo – **Diretor Adjunto:** Guido Arturo Palomba

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)] e Luiz Celso Mattosinho França

Cinemateca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.